

## VOZES SILENCIADAS: A SUBALTERNIDADE FEMININA EM *SORTE*, DE NARA VIDAL

SILENCED VOICES: FEMALE SUBALTERNITY IN *SORTE*, BY NARA VIDAL

Recebido: 16/10/2022

Aprovado: 15/12/2022

Publicado: 29/12/2022

DOI: 10.18817/rlj.v6i2.3026

Thaína Martins da Silva<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-4757-0807>

**Resumo:** Este artigo tem por objetivo a análise das relações de gênero que permeiam a narrativa da novela *Sorte*, de Nara Vidal. Busca-se evidenciar a manutenção da opressão patriarcal institucionalizada e regida em diferentes instâncias sociais na obra, tanto por meio da dominação exercida pelo sistema escravagista, quanto pela Igreja. Todas estas formas de relação e poder muito bem demonstradas nas violências e opressões vividas pelas personagens Margareth e Mariava. Para tanto, nos reportaremos brevemente ao conceito de subalternidade proposto por Spivak (2010, 2014) e a alguns conceitos e críticas apresentadas no ensaio “Crítica Feminista”, de Zolin (2009) para um estudo mais plural das representações femininas, dentre outros teóricos.

**Palavras-chave:** Gênero; Subalternidade; Representação.

**Abstract:** The aim of this article is to analyze the gender relations that permeate the narrative of the novella *Sorte* (Luck), by Nara Vidal. It seeks to highlight the maintenance of patriarchal oppression in different instances presented in the work, both through the domination exercised by the slave system and by the Church. All these forms of relationship and power are very well demonstrated in the violence and oppression experienced by the characters Margareth and Mariava. To do so, we will briefly refer to the concept of subalternity proposed by Spivak (2010/2014) and to some concepts and critiques presented in the essay "Feminist Criticism", by Zolin (2009) for a more plural study of women's representations, among other theorists.

**Keywords:** Gender; Subalternity; Representation.

### Introdução

*O que vai ser de nós, Mariava? Nascer mulher é o pior castigo do mundo. Fazem da gente o que querem.*

*Sorte, Nara Vidal*

Desde a década de 1960, com a ascensão do feminismo filosófico, surgiram e desenvolveram-se estudos centralizados na mulher em diversificadas áreas de conhecimento, “como a Sociologia, a Psicanálise, a História e a Antropologia” (ZOLIN, 2009, p. 217). Na Crítica Literária, a mulher também se tornou objeto de

---

<sup>1</sup> Atualmente é mestranda em Estudos Literários pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, na linha de pesquisa Literatura, Teoria e História. Possui graduação em Licenciatura em Letras - Português e Inglês pela Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG/2021), aprovada com nota máxima e louvor no trabalho de conclusão de curso intitulado Tradução Intersemiótica da Linguagem Literária para a Cinematográfica: Uma análise entre a obra literária “Orgulho e Preconceito” de Jane Austen e sua adaptação fílmica (2005). Participou como voluntária do projeto de extensão intitulado Teaching and Learning Practice: inglês instrumental para a comunidade acadêmica da UEMG” (2018). Pós-graduanda em Estudos Linguísticos e Literários pelo IFRJ. Possui interesse em Literatura Inglesa, Literatura Brasileira, Teoria Literária, com ênfase em estudos sobre Intermidialidade. E-mail: [thainamartinss@hotmail.com](mailto:thainamartinss@hotmail.com)

análise e tema de estudos, de palestras, simpósios, pesquisas monográficas, dissertações, teses e trabalhos de pesquisa.

A partir da década de 1970, surge a crítica feminista, “com a publicação, nos Estados Unidos, da tese de doutorado de Kate Millet, intitulada *Sexual politics*” (ZOLIN, 2009, p. 217 – grifo do autor). Essa nova vertente da crítica literária desempenha a função de questionar o modo de análise e prática do sistema patriarcal nos estudos sobre personagens e autoras femininas. A apuração das diferentes experiências entre as mulheres e homens enquanto leitores e escritores desempenhou mudanças significativas nas pesquisas, levando mudanças de paradigmas, de estereótipos e possibilitando a ampliação de novas perspectivas de estudo no campo intelectual (ZOLIN, 2009).

Reflexões sobre o lugar social da mulher e, principalmente, a representação desta no universo literário, se devem ao movimento feminista que colocou em evidência os contextos sócio-históricos produtores de uma concepção subalterna do feminino. Colocam-se em xeque, a partir da crítica feminista, os estereótipos femininos negativos intensamente difundidos em vários meios de expressão artística como a literatura e o cinema; uma vez que a heteroidentidade negativa atribuída à mulher coloca-se como obstáculo à luta pelos-direitos da mulher (ZOLIN, 2009, p. 217).

Uma obra literária contemporânea que constrói de forma bastante sensível e intimista a figura feminina é a novela *Sorte* (2018), de Nara Vidal, escritora brasileira radicada no Reino Unido. A obra foge de estereótipos tradicionais literários, pois tece representações focadas no aprofundamento psicológico das personagens femininas e seus papéis subalternos no recorte histórico do século XIX.

A narrativa de *Sorte* acompanha uma família que vive de forma miserável na Irlanda, no século XIX. O patriarca, um católico fervoroso e extremamente autoritário, a matriarca sem vontade própria e submissa às vontades do marido, filhas humilhadas, repreendidas e corrigidas a todo instante e dois filhos homens que trilham o mesmo percurso de dominância patriarcal.

A grande fome que assolou a Irlanda (1845-1849), ocasionada, em especial, pelo micro-organismo *Oomycetes Phytophthora infestans* que contaminou em larga escala as batatas (principal alimento dos irlandeses nesse período histórico), fez com que muitos irlandeses migrassem para outros países/continentes em busca de melhores condições de vida. Com a família de Margareth, uma das protagonistas da

novela, não foi diferente. No início da narrativa eles migram para o Brasil, com anseio de encontrar uma terra promissora, semelhante ao mito de Hy-Brazil, uma ilha mágica que faz parte do folclore Irlandês.

Quando desembarcam no Rio de Janeiro, a realidade é outra, a mãe não sobrevive a exaustiva viagem, sendo enterrada como indigente em um cemitério compartilhado com outros irlandeses; os dois filhos homens são mandados para a guerra da cisplatina (1825-1828); o pai aleijado e as filhas vão para uma chácara para trabalharem em regime de servidão, quase tão invisíveis quanto os escravizados. Nesta chácara, Margareth conhece Mariava, outra protagonista da história, mulher preta escrava, constantemente violentada e agredida fisicamente pelo seu senhor. Ambas se tornam mais que amigas, seus destinos são ligados e entrelaçados através da perda e da dor.

Em determinado ponto da novela, Margareth descobre que está grávida de um médico com quem se relacionou durante a viagem de travessia de continente. Devido a esta transgressão, o pai a agride severamente. Logo após, Margareth é enviada a uma casa de vergonha, destinada à “salvação de pecadoras”, comandada por freiras. As pecadoras eram prostitutas e mães solteiras.

Esta “casa da vergonha” é uma representação das chamadas casas e/ou asilos de Madalena (casas de mulheres caídas) que abrigavam, entre os séculos XVIII e XX, mulheres transgressoras como prostitutas, grávidas solteiras e/ou qualquer uma que fosse marginalizada de alguma maneira naqueles períodos. Nestas casas de Madalenas, as reclusas sofriam incontáveis abusos físicos e psicológicos, eram obrigadas a desempenharem, mesmo grávidas, exaustivas tarefas, em especial, lavagem de roupas, pois muitos desses asilos funcionavam como lucrativas lavanderias.

O termo “mulheres caídas” foi usado pela Igreja Católica, tomado por empréstimo aos anjos caídos que se arruinaram em pecado. Ao final do século XIX, na Irlanda, a definição de “mulheres caídas” não se restringia apenas às prostitutas, mas às mulheres em geral, muitas delas jovens violentadas ou enganadas por homens que as abandonavam grávidas, mães solteiras (DE ARAUJO, 2021).

Além das violências físicas, as “mulheres caídas” grávidas, quando davam à luz, eram obrigadas a assinarem documentos renunciando a seus filhos, ou, às vezes, nem isso, muitos eram adotados por famílias estrangeiras, tantos outros enterrados como indigentes em fossas nas próprias casas de Madalena.

Em 2014, informação retirada do portal *on-line* G1, foram encontrados, em média, 800 esqueletos de bebês em um convento na Irlanda. O local teria abrigado mães solteiras entre os anos de 1925 e 1961; os recém-nascidos teriam sido enterrados de maneira secreta e ilegal pelas freiras dirigentes da casa.

A temática sobre a casa de Madalena na obra foi escolhida por Nara Vidal depois de muita pesquisa e, primordialmente, enquanto ela realizava um trabalho voluntário na Inglaterra, pois conheceu uma das conhecidas “mulheres caídas”. A mulher relatou as perseguições que elas sofriam pela Igreja Católica, a vida nos conventos vendo seus filhos serem adotados e/ou vendidos, muitos para a Austrália e Inglaterra (informação verbal)<sup>2</sup>. Em vista disso, a autora decide transportar essas histórias das casas de Madalena para o Brasil, dialogando igualmente com a condição invisível e sofrida da mulher preta escravizada.

Por conseguinte, o objetivo principal é analisar as relações de gênero que circundam a narrativa de *Sorte*. Importante frisar que, o termo gênero, aqui é visto sob a ótica da crítica feminista que transforma o vocábulo para além das desinências de pessoas de sexo oposto, utilizando o termo como expressão das diferenças culturais, sociais definidos para cada um dos sexos e o próprio enfoque biológico que perpassam os seres humanos. Gênero, então, torna-se uma constituição dos sexos segundo aspectos linguísticos e representações sociais estabelecidas em concordância com as hierarquias sociais de poder (ZOLIN, 2009).

A partir do objetivo principal, buscaremos analisar as personagens principais de *Sorte*, Margareth e Mariava, tendo em vista que vivenciam diferentes formas de opressão, silenciamento e violência, uma pelo regime escravocrata, outra pelo julgamento religioso, mas ambas são alvos do machismo e patriarcalismo. Ademais, se realizará também um resumo sucinto a respeito do conceito de sujeito subalterno proposto pela teórica indiana Gayatri Spivak.

### **Definição de sujeito subalterno**

Gayatri Spivak (2014, apud BACELAR, 2016), em seu ensaio “Pode o subalterno falar?”, apresenta o sujeito subalterno, de forma ampla, como aquele indivíduo que não detém espaços políticos e que sofre de uma violência estrutural

---

<sup>2</sup>Programa de entrevistas Leituras TV – Senado, entrevista com Nara Vidal, exibido on-line pelo canal no Youtube TV Senado, no dia 19/09/2020.

imperialista regida pelo pensamento etnocêntrico, Ocidente x Oriente. Para a autora, sujeito subalterno é convertido na figura do um Outro, sendo uma construção do intelectual ocidental que inferioriza, subordina e silencia os que não fazem parte do círculo dominante intelectual, cultural e político. Como afirma a teórica “O subalterno não pode falar (...)” (SPIVAK, 2010. p. 126)

Quanto a subalternidade do sujeito feminino, Spivak (2014) afirma ser uma dupla opressão, tanto pela dominância patriarcal, esta motivada pelas diferenças de gênero quanto pela visão epistêmica do imperialismo (BACELAR, 2016).

Nessa definição de sujeito subalterno como aquele que não possui uma voz, um espaço na sociedade, é possível relacionar esta condição às personagens apresentadas em *Sorte* (2018), principalmente quando o olhar se centraliza em Margareth e Mariava, ambas mulheres silenciadas nas esferas públicas e privadas regidas por questões políticas, culturais, religiosas e coloniais.

### **Representação da subalternidade feminina em *sorte***

Para iniciar as análises das personagens da novela é importante destacar o contexto histórico em que a narrativa se situa. A obra se passa, inicialmente na Irlanda, mas o principal espaço físico é o Brasil do século XIX. Nesse século, a estrutura familiar, social e cultural era regida unicamente pelo patriarcalismo, “termo utilizado para designar uma espécie de organização familiar originária dos povos antigos, onde toda instituição social concentrava-se na figura de um chefe, o patriarca, cuja autoridade era preponderante e incontestável.” (ZOLIN, 2009, p. 219).

Esta organização de poder patriarcal é perceptível prontamente ao início da obra quando nos é apresentado a família de Margareth.

O pai voltou de Dublin sem complicações e sem a perna direita, conforme imaginávamos. Como se possível, ficou ainda mais amargo e começou a gritar mais, para pôr ordem na casa, já que seu corpo começou a conhecer limites. Nunca cogitou uma conversa com os filhos. Em nós era o medo dele que nos fazia abalados. O medo de punição ou da tortura de ver a mãe sem saída, concordar com tirania do homem do qual, ainda assim, gostava. O pai fazia filhos na mãe até uma hora sair dela um homem. (VIDAL, 2018, p. 19).

A matriarca da família, uma figura cinza e submissa às vontades do marido que tomava seu corpo como uma propriedade, uma incubadora, até que houvesse

um filho homem. Dessa forma, a mãe de Margareth, como tantas outras mulheres da época e da obra em questão, representa a figura da mulher-objeto que “[se]define pela submissão, pela resignação e pela falta de voz.” (ZOLIN, 2009, p. 219).

Mesmo presa às vontades do marido, a mãe trabalhava como faxineira para conseguir o pouco sustento da família. Desempenhava o papel de provedora do seio familiar, mas sem a dominância deste, pois o poder ainda pertencia ao pai, mesmo que ele não pudesse mais trabalhar e passasse seus dias, alcoolizado.

Com a volta da mãe para casa, recuperada, foi a vez de trabalhar para pagar as bocas que meu pai insistiu tanto em ter em casa. Sem uma perna e bêbado cada dia mais cedo, o pai virou um encosto. A mãe limpava as salas de enfermarias, sonhando que um dia James e Daniel pudessem frequentá-las como médicos. (VIDAL, 2018, p. 20).

Este trecho citado é importante para mostrar que, historicamente, as restrições que reprimiam as mulheres da elite e as pobres não eram as mesmas. Enquanto as mulheres burguesas detinham como função e obrigação social o cuidado da casa, educação dos filhos, em especial das filhas, e a reclusão imposta pelos maridos, pais e/ou irmãos, as mulheres pobres tinham que trabalhar, o que possibilitava, de certo modo, uma pequena liberdade, porém sempre comandada pela figura masculina, como corrobora a citação a seguir:

Pouco se comentava sobre as atividades da mulher, fosse ela imperatriz, senhora da fazenda ou escrava, mas o seu comportamento variava de acordo com a posição ocupada na sociedade colonial. As restrições que cercavam as mulheres da elite não eram as mesmas que recaíam sobre as escravas ou as mulheres brancas pobres. Estas circulavam nas ruas das cidades para cumprir os afazeres da casa-grande ou em busca de sobrevivência, sendo lavadeiras, domésticas, cozinheiras, costureiras(...) Essas atividades, mesmo sendo controladas pelos senhores ou maridos, permitiam às mulheres serviçais um contato com a realidade do mundo da qual as mulheres das elites não desfrutavam. (KONKEL; CARDOSO; HOFF, 2005, p. 40-41).

Por serem as personagens principais de *Sorte*, Margareth e Mariava despenham a maior incumbência de nos mostrar a realidade angustiante e cruel da mulher no século XIX presa à rigidez e à organização de diferentes esferas sociais e políticas que puseram sempre a mulher como um ser inferior ao homem.

No decorrer da estória, Margareth se mostra tanto uma mulher-objeto quanto mulher-sujeito “marcada pela insubordinação aos referidos paradigmas, por seu

poder de decisão, dominação e imposição.” (ZOLIN, 2009, p. 219). Constrói-se como mulher-objeto, pois, em uma sociedade regida pelo patriarcalismo, é inevitável não se tornar vítima em algum aspecto, e, Margareth, é vitimada por essa dominação de poder por toda a narrativa. Contudo, mesmo reprimida, permitiu se tornar uma mulher-sujeito, com anseios e ações próprias mesmo sendo punida por tê-las realizado.

Em determinado momento da viagem da família ao Brasil, Margareth se relaciona com Orlando, irlandês, médico e missionário católico que estava a caminho do Brasil com a missão de cuidar dos sofreadores. A personagem aflora sua sexualidade, permitindo-se o desejo, comportamento visto como inadequado e transgressor. Este pensamento foi difundido pela doutrina religiosa, em dominância, a católica, pois era necessário reprimir a sexualidade da mulher como recurso para a manutenção da esfera política, social e cultural exercida pelos homens. Esse domínio é visível no trecho seguinte de *Sorte*: “Foi a Martha que começou a história. Num surto, ela empurrou Orlando que escorregou numa poça se escorando no meu braço. Desculpas pedidas e aceitas, o pai, vendo aquela vivacidade toda, mandou James e Daniel para guardarem a nossa honra.” (VIDAL, 2018, p. 26). Acerca dessa repressão, Araújo (2004, não paginado) diz que:

Das leis do Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e à coerção informal, mas forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas. A todo-poderosa Igreja exercia forte pressão sobre o adestramento da sexualidade feminina. O fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior, e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade.

Com a dominação da Igreja e dos homens, se estabelece a identidade feminina como um “outro”, como “negativo”, enquanto a figura masculina é vista como “positiva” e/ou “correta”. Ao passo que os homens eram livres para seguirem seus desejos, as mulheres deveriam permanecer castas/puras.

A diferença entre os gêneros no âmbito da sexualidade é bem pontual em *Sorte*, enquanto a mãe da família trabalhava fora e permanecia submissa às ordens do marido, ele se relacionava sexualmente com a vizinha; Margareth tinha que se encontrar as escondidas com Orlando, já os irmãos possuíam toda a liberdade

sexual permitida a eles, “James e Daniel sumiam, como sempre faziam, entre as pernas das irlandesas com fome e sem família pelo navio sujo afora.” (VIDAL, 2018, p. 29).

Quando o pai e os irmãos descobrem a respeito do encontro sexual de Margareth com Orlando, eles a surram severamente, punindo-a por uma transgressão que eles poderiam realizar sem a represália social e moral religiosa.

James me deu uma bofetada no meio do nariz e do rosto. Não conseguiu mais que aquilo. Mary e Monica choravam de soluços nas bordas da mesa descascada, surrada feito a nossa família. Daniel quis fazer as honras. Tirou o cinto e me chicoteou como se quisesse me matar. (...) O tamanho da violência na nossa casa naquela noite não foi maior que a minha humilhação. Sangrei no pescoço, no braço. Levantei o vestido pro Daniel me bater. Mandou que eu tirasse a calcinha pra eu apanhar onde deveria. Pegou uma colher de pau e me bateu no meio das pernas. (...) A decência deveria ser restaurada na casa, se não por exemplo, por punição. Quem não seguisse os mandamentos de Deus e fechasse as pernas mesmo com vinte e quatro anos, mesmo vivendo pra fazer geleias que ninguém comprava, não prestava. Iria para os quintos dos infernos. Amaldiçoada e desgraçada. Uma mulher caída. (VIDAL, 2018, p. 39-40).

A dominação masculina foi, ainda é, em diversos aspectos legitimada pela ideologia do patriarcado, institucionalizada e mantida por leis. Esta ideologia fez com que o espaço familiar se tornasse ambiente oportuno para a violência contra a mulher, como a no trecho acima da obra analisada; as agressões eram vistas como essenciais para a boa organização familiar e manutenção do poder masculino na sociedade. A moral sexual é dicotômica, permissiva para os homens e repressiva com as mulheres, pois a moral da mulher é atrelada ao seu comportamento sexual, diferente dos homens. Em consequência, o comportamento feminino que fugisse do padrão convencional do que era “honesto” servia como justificativa para agressões, como ocorreu com a personagem, punida por expressar sua sexualidade (LAGE; NADER, 2013).

Do breve relacionamento com Orlando, Margareth fica grávida, sabendo da represália que sofreria esconde, porém, quando sua barriga começa a crescer seu segredo é revelado ao seu pai por sua irmã Monica. No momento não há reação, mas a punição vem depois com o envio de Margareth para uma “casa da vergonha” fundada na região.

Irmã Imaculada me deixou no quarto com as duas moças que também dormiam ali. Notei que uma delas estava prestes a ter seu filho e várias

eram irlandesas. Contaram sobre o propósito do lugar. Era uma casa para esconder a vergonha das famílias. Uma casa para o esquecimento da alegria vivida por cada uma de nós. Um esconderijo para as barrigas saudáveis e pontudas que cresciam com amor dentro delas, mesmo se feitas de escândalo. (VIDAL, 2018, p. 50-51).

Na casa da vergonha, Margareth conhece outras mulheres na mesma situação que se encontravam grávidas e solteiras, enviadas para esconderem suas vergonhas para não mancharem a honra da família, em especial, do representante masculino. No local, Margareth e as outras mulheres reclusas trabalham com lavagens de roupas e outras atividades para a organização do convento, recebiam quase nada em troca de seus serviços, a salvação de suas almas pecadoras pelo trabalho era o pagamento.

Conforme os dias passam, Margareth percebe como funciona, de fato, o convento, as feiras apenas deixavam as mães a parirem seus filhos, mas não permitiam que os criassem, que fossem mães, os recém-nascidos eram adotados sem a permissão delas.

Corri para a janela e lá de cima percebi que duas Irmãs acompanhavam uma senhora de chapéu, muito bem vestida, com luvas finas e de muita elegância para dentro da casa. Um homem, que imaginei ser o marido, seguiu junto. (...) No mesmo instante, cortou o ar um grito tão fino que nem o vento de janeiro lá de onde eu vim teria tanta força. Era Iris em desespero. Tinha acabado de perder a filha. O casal viera levar embora a sua Angela. Iris não pôde se despedir, não deixaram que saísse do quarto. Em dois dias, Iris enlouqueceu e seguiria numa longa viagem para uma colônia de doentes distraídos, às margens do Rio das Mortes, pra dentro da mata onde o Brasil não tem mar aberto. Havia lá uma Matriz da Nossa Senhora da Piedade, um pelourinho, arraiais e freguesias. Um vilarejo nobre e leal chamado Barbacena, na Província das Minas Gerais. (VIDAL, 2018, p. 52-53).

No trecho acima, temos um vislumbre do que acontecia com frequência nas reais casas de Madalena na Irlanda. Devido à incapacidade das mulheres, ditas como caídas, de decidirem suas vidas, de realizarem suas escolhas, eram vítimas da imposição religiosa e masculina, era pelo castigo divino, causado por outros humanos, que perdiam seus filhos, sem nenhuma possibilidade de conseguirem reencontrá-los. Elas enlouqueciam. As únicas crianças que permaneciam com suas mães eram as que nasciam com alguma deformidade, como é expresso no seguinte trecho da novela:

— Você não precisa ficar com ela. Você entende o que quero dizer?  
As mensageiras de Deus poderiam, caso Ester consentisse, simular um acidente e enterrar a criança. Olivia veio sem os braços, sem as pernas, com ouvidos e nariz mal formados. Para as freiras, Olivia não teria qualquer utilidade. Todos os casais que faziam benfeitorias ao convento exigiam crianças e bebês saudáveis. (VIDAL, 2018, p. 77).

O destino de Margareth não é muito diferente, em uma madrugada seu filho Emanuel é retirado dela, levando-a ao desespero e culpa por não ter o vigiado sem pausa, nem mesmo para dormir. Contudo, em uma reviravolta narrativa, o filho de Margareth não havia sido levado por outra família por intermédio das freiras, ele foi levado por Mariava que estava trabalhando no convento.

Mariava é a personagem feminina que representa outra esfera da mulher marginalizada, o da mulher preta subordinada pela escravidão. A personagem era diariamente violentada de várias maneiras, desde a violência sexual a agressão física. Mariava trabalhava na chácara que Margareth e sua família havia se estabelecido quando chegaram ao Brasil. Na chácara, Mariava trabalhava junto de sua mãe Dolores que foi trazida de Angola para servir como escrava no país. Podemos realizar um paralelo, posto que às duas famílias realizaram a travessia do Atlântico, uma fugindo da fome e a outra trazida a força, mas às duas para desempenharem funções marginalizadas e invisíveis, serviam como propriedade de um senhor branco. Segundo Dias (2013, não paginado):

Para as mulheres de origem africana que viveram como escravas nas grandes propriedades rurais do Brasil, sobreviver já era uma vitória. Distantes de suas redes familiares originais, elas constituíam minoria no plantel de escravos, majoritariamente masculino. No Brasil, vistas mais como mercadoria do que como seres humanos, essas mulheres foram obrigadas a trabalhar e sobreviverem condições extremamente precárias, que incluíam se submeter a constantes maus-tratos, além da violência inerente ao sistema escravista.

Como pontuado na citação acima, a vida das mulheres escravizadas era marcada pela sobrevivência aos maus tratos, organizados pelo sistema escravagista e patriarcal, com Mariava não difere; além das obrigações serviçais na chácara, ela ainda tinha que servir as luxúrias de seu dono, mesmo sem seu consentimento, afinal, o que uma mulher poderia questionar naquela época, em especial uma escrava. Mariava não tinha voz. Os filhos bastardos com Dom Vaz eram o resultado da sua forçada submissão.

Cuidar da Martha era o jeito da Mariava escapar dos fundos da casa grande, onde Dom Vaz Peixoto abusava da minha neguinha. Mariava nunca disse um “sim” pro patrão. Também não lhe era permitido falar “não”. Era mandada pro quarto do lado da despensa quando Dom Vaz Peixoto chegava de reuniões no comércio do Largo da Carioca. Ainda sujo, de botinas fedidas à bosta de cavalo, montava na Mariava que molhava o chão de lágrimas feitas de dores no ventre tão jovem e de dores no espírito já cão. Saía do quarto com, cada vez, menos dela. Ia se acabando enquanto Dom Vaz Peixoto lambia os beijos depois de comê-la. O patrão passava pela cozinha, pinçava um pedaço de doce de figo e ia beijar a mão da esposa(...). (VIDAL, 2018, p. 42).

Ademais, Dom Vaz não era o único que abusava da escrava, sua esposa, Don’Ana Vaz, descontava em Mariava o que não podia fazer com seu marido, ordenando que a agredissem como punição: “Don’Ana, conforme prometera, mandou um negro cobrir de brasa a ponta de um facão e cegou a Mariava para que nunca mais olhasse pro seu marido.” (VIDAL, 2018, p. 88).

O comportamento de Don’Ana demonstra que, mesmo em uma posição inferior à do seu marido, por ser mulher, encontrou em Mariava um caminho para exercer uma posição dominante, visto que a outra, na hierarquia social, estava abaixo da mulher branca. Como corrobora Freire (1954 apud KONKEL; CARDOSO; HOFF, 2005) “[...] não convém, entretanto, esquecer-se do sadismo da mulher quando grande senhora, sobre os escravos, principalmente sobre as mulatas; com relação a estas, por ciúme ou inveja sexual.”.

Em síntese, Margareth e Mariava sofrem por serem mulheres em um sistema social que não é feito por e/ou para elas; a dominância masculina e religiosa na vida destas mulheres determinam trajetórias solitárias e dolorosas. Apesar do título da novela, sorte é tudo o que as personagens não possuem.

## **Conclusão**

Sorte é uma obra que constrói a reflexão acerca de diversos temas como a imigração, o sentimento de exílio das personagens, violências da escravidão, subserviência da mulher ao homem atrelada com a fundamentação religiosa radical, além da fantasiosa de Hy-Brasil que se atrela com a realidade da narrativa. Contudo, para fins de estudo, buscou-se aqui abordar apenas a questão de gênero

relacionadas à subalternidade utilizando como principais objetos de análise as personagens femininas, com foco principal em Margareth e Mariava.

Graças ao arcabouço teórico elaborado por Zolin quanto as terminologias da crítica feminista; Spivak com sua definição de sujeito subalterno como aquele que não possui voz e posicionamento nas sociedades, principalmente a ocidental, além dos demais teóricos utilizados neste estudo, é possível compreendermos melhor as condições de vida das mulheres no século XIX quanto ao silenciamento, a opressão e subalternidade que estas sofriam tal como as mulheres em *Sorte* (2018).

É evidente que o contexto narrativo de *Sorte* possibilita viabilizar mais sobre a subalternidade feminina ao homem, em vista que se trata de um período histórico marcado pelo domínio masculino e por poucas vozes femininas para contestarem as desigualdades. Além do próprio sistema escravagista que vitimizava ainda mais mulheres como Mariava, enquanto Margareth era podada pela religião e crenças repressivas ao sexo feminino, representando tantas mulheres da época, em especial as caídas, que viviam seus dias solitários e dolorosos nas casas de Madalena.

## Referências

ARAÚJO, Emanuel. A arte da sedução: sexualidade feminina na colônia. In: DEL PRIORE, M. (org.); BASSANEZI, C. (coord.). *História das mulheres no Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

BACELAR, Bruna Valença. *A mulher subalterna em “Pode o subalterno falar?” de Gayatri Spivak*. *NEARI em Revista*, v. 2, n. 2, 2016.

DA SILVA, Joasey Pollyanna Andrade; DO CARMO, Valter Moura; RAMOS, Giovana Benedita Jaber Rossini. As quatro ondas do feminismo: lutas e conquistas. *Revista de Direitos Humanos em Perspectiva*, v. 7, n. 1, p. 101-122, 2021.

DE ARAUJO, Julio Cezar. *As lavanderias de Madalena: Onde as mulheres eram “purificadas*. Mega Curioso. 15 jan. 2021. Disponível em: <<https://www.megacurioso.com.br/artes-cultura/117375-as-lavanderias-de-madalena-onde-as-mulheres-eram-purificadas.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

DIAS, Maria Odila. Escravas: resistir e sobreviver. In: PINSKY, Carla Bassanezy; PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1954.

KONKEL, Eliane Nilsen; CARDOSO, Maria Angélica; HOFF, Sandino. A condição social e educacional das mulheres no Brasil Colonial e Imperial. *Roteiro*, v. 30, n. 1, p. 35-59, 2005.

LAGE, Lana; Nader, Maria Beatriz. Violência contra a mulher: da legitimação à condenação social. In: PINSKY, Carla Bassanezy; PEDRO, Joana Maria (orgs.). *Nova história das mulheres no Brasil*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013

Portal G1. *Quase 800 esqueletos de bebês são encontrados em convento da Irlanda*. 04 jun. 2014. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/06/quase-800-esqueletos-de-bebes-sao-encontrados-em-convento-da-irlanda.html>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010, 2014.

VIDAL, Nara. *Sorte*. Belo Horizonte: Moinhos, 2018.

\_\_\_\_\_. Entrevista concedida ao programa Leituras TV – Senado. 19 set. 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VA2fVkJMr0Uw>>. Acesso em: 17 jun. 2022.

ZOLIN, Lúcia Osana. Crítica feminista. In:\_\_\_\_\_; BONNICI, Thomas. (orgs.). *Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. 3. ed. revista e ampliada. Maringá: Eduem, 2009. p. 217-242.